



# CONTEXTO PÓS-COLONIAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL EM DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO

Márcia Oliveira<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

De maneira geral a sociedade desenvolveu o hábito de internalizar o quadro de estereótipos que legitimam o discurso de fragilidade e inferioridade feminina. O sistema dominante é formado, essencialmente, por um cenário que atua na marginalização de inúmeras vozes, que são continuamente silenciadas (assim como suas histórias são silenciadas). No caso específico da mulher há uma dupla subalternização (SPIVAK, 2010), e, se pensarmos na mulher negra essa situação se agrava ainda mais. O estudo de textos que refletem sobre a condição de inferiorização do ser feminino apresenta um leque de possibilidades pertinente no intuito de desconstruir certos discursos e valores, promovendo uma reflexão sobre as relações pessoais e sociais.

As escritoras Dionne Brand (Canadá) e Conceição Evaristo (Brasil) criam em suas obras um ambiente de subversão de valores estabelecidos socialmente com o objetivo de viabilizar essa desconstrução a partir do uso da memória como ferramenta para o desenvolvimento da identidade cultural de indivíduos que vivenciam a experiência subalterna desde muito cedo. Nesse caso os textos literários de Brand e Evaristo apresentam em sua essência uma pós-colonialidade pulsante, responsável pela subversão de histórias e fronteiras, sendo, portanto, um campo rico para o aprofundamento de questões cruciais para o indivíduo oriundo de um contexto pós-colonial.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar os romances *What we all long for* (2001), de Dionne Brand, e *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo, com o intuito de identificar os discursos de memória presentes nas narrativas, traçando uma leitura comparativa sobre a função da memória para desenvolvimento da

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

identidade das personagens-protagonistas. Através dessa leitura acreditamos ser possível a compreensão de como as personagens Tuyen e Maria-Nova percebem a 'realidade periférica' na qual estão inseridas desde o nascimento (apesar de similar algumas experiências tornam-se únicas graças à episteme cultural de que fazem parte); vale ressaltar que o que chamamos de realidade periférica está entrelaçada pela 'experiência subalterna', que tem a ver diretamente com o sujeito resultado da historiografia colonial e o processo de inferiorização que lhe é inerente. Utilizando um suporte teórico de estudiosos como Aníbal Quijano, Roland Walter, Gayatri Spivak, entre outros, pretendemos identificar como a colonialidade do poder continua produzindo ciclos de vitimização entre homens e mulheres; para isso além das temáticas memória e identidade levantamos questões sobre outras problematizações relacionadas ao gênero, raça e poder no contexto pós-colonial, tendo em vista que elas podem auxiliar no entendimento da trajetória das protagonistas enquanto uma colcha de retalhos.

Dionne Brand e Conceição Evaristo se destacam pelo estabelecimento de um campo discursivo que dá voz e espaço para as minorias socialmente estabelecidas – em especial a mulher negra. Mais do que esse campo discursivo 'inclusivo' merece destaque o fato de que as trajetórias pessoal e acadêmica de Brand e Evaristo são parecidas. Brand nasceu em Trinidad e Tobago e vai para o Canadá para estudar, fixando residência em Toronto, onde é professora; tem vários trabalhos (inclusive documentários) que sempre focam o lugar ocupado pela mulher negra na sociedade 'multicultural' canadense. Já Evaristo nasce em Belo Horizonte, mas só consegue cursar o ensino superior e se tornar professora quando sai da favela mineira e se muda para o Rio de Janeiro; a escritora brasileira também tem uma produção literária diversificada, usando vários gêneros para explicitar a condição de invisibilidade da mulher negra no Brasil.

## **2 IDENTIDADE DIASPÓRICA E MEMÓRIA EM *WHAT WE ALL LONG FOR***

O romance *What we all long for*, publicado primeiramente em 2001, apresenta a história de um grupo de jovens amigos que vivem no Canadá (Tuyen, Carla, Oku e Jackie) e enfrentam inúmeros desafios e problemas nas esferas familiar e social. Apesar da personagem Tuyen ser a protagonista do romance, desde o início fica claro que a narrativa se estabelece enquanto uma 'colcha de retalhos', em que cada

personagem tem um papel fundamental para a compreensão da história, cada um sendo importante para a construção de um mosaico cultural. É interessante notar que os capítulos deste romance não são intitulados e neles temos um recorte sobre a vida das pessoas que se relacionam com Tuyen, no entanto há uma focalização profunda que apresenta cada um deles de maneira independente da trama principal, revelando seus conflitos e desejos. Dessa forma, os amigos de Tuyen participam ativamente do desenrolar dos acontecimentos, os capítulos focam em cada uma dessas pessoas revelando o quanto elas estão conectadas por uma realidade similar e como elas lidam com essa realidade enquanto lidam com as relações humanas que se estabelecem a partir de uma realidade periférica que lhes é comum.

A percepção acerca da natureza fragmentada de *What we all long for* fornece uma ideia clara de que a fragmentação que Brand propõe no romance está intimamente ligada à própria fragmentação da vida e da história desses indivíduos, todos eles sendo filhos da diáspora (seja de forma direta ou indireta), o romance explicita que o sujeito que viveu a experiência diaspórica está fadado a sofrer um sentimento de não pertencimento, e, mais que isso, de não inclusão. Isso acontece porque

*Lives in the city are doubled, tripled, conjugated – women and men all trying to handle their own chain of events, trying to keep the story straight in their own heads (...). In this city, like everywhere, people work, they eat, they drink, they have sex, but it's hard no to wake up here without the certainty of misapprehension<sup>2</sup>. (BRAND, 2005, p. 5)*

Aqui vemos que a vida na cidade é complexa e contraditória, e é inevitável pensar que as pessoas trabalham, comem, fazem sexo, mas não pensam, buscam entorpecer a sensação de que algo está errado. Esse romance, assim como em outros textos de Dionne Brand, explora ao máximo o atual contexto diaspórico, através desse quadro é possível interpretar a vivência a partir da diáspora, analisando-a enquanto responsável por um processo contínuo de alienação identitária, de fragmentação dos indivíduos, que, aliás, também resulta na fragmentação das relações desses indivíduos com outras pessoas e de suas experiências (tanto no nível pessoal como no nível social/coletivo).

---

<sup>2</sup> As traduções contidas neste tradução são de minha responsabilidade: “As vidas na cidade são duplicadas, triplicadas, conjugadas – mulheres e homens todos tentando lidar com sua própria rede de acontecimentos, tentando manter a história em linha reta em suas próprias cabeças (...). Nesta cidade, como em todo lugar, as pessoas trabalham, elas comem, bebem, fazem sexo, mas é difícil não acordar aqui sem a certeza do equívoco.”

Apesar do entendimento da natureza fragmentária do romance buscaremos focar com maior ênfase na protagonista Tuyen e em seu núcleo familiar, pensando a partir da maneira como a personagem age e reage em relação aos problemas familiares (que gira em torno do desaparecimento de seu irmão Quy), mas também as questões socioculturais (que dizem respeito, principalmente ao sentimento de não pertencer de fato à sociedade canadense, mesmo tendo nascido no país). A trajetória de Tuyen está pautada justamente por uma sensação que se caracteriza por uma dubiedade de sentimentos, além da impossibilidade de possuir uma identidade estável.

Para Stuart Hall (1996) as identidades de diáspora são aquelas que estão em constante reprodução, sempre se produzindo novas e quando essa realidade se choca com o não entendimento da situação temos conflitos que só aumentam. No caso de Tuyen, por exemplo, apesar de conhecer a história dos pais ela não se reconhece de fato nessa esfera, o trecho *“When she was a little, Tuyen rebelled against the language, refusing to speak it. At five she went through a phase calling herself Tracey because she didn’t like anything Vietnamese”*<sup>3</sup> (BRAND, 2005, p. 21) refere-se ao fato de que a personagem não está na mesma conexão que os pais, que precisaram não só deixar seu país natal como mudar completamente de status social para sobreviver no país escolhido<sup>4</sup>. A realidade de Tuyen é a realidade canadense, tudo que diz respeito ao país natal dos pais é nebuloso e simplesmente irreconhecível para a personagem.

Nesse ponto a experiência de Tuyen é similar ao sentimento de seus amigos, uma vez que todos eles têm pais migrantes, mas todos nasceram no Canadá. Essa realidade gera uma sensação de inadequação frente à trajetória dos pais, e também gera conflito entre o passado e o presente: *“They all, Tuyen, Carla, Oku and Jackie,*

---

<sup>3</sup> “Quando ela era pequena, Tuyen rebelou-se contra a língua, recusando-se a falá-la. Aos cinco anos ela passou por uma fase em que ela chamava a si mesma de Tracey porque ela não gostava de nada Vietnamita”

<sup>4</sup> O pai de Tuyen era engenheiro e a mãe era médica. Quando chegam no Canadá, sem conseguir validar seus diplomas e com dificuldades com o idioma eles mudam de profissão, o pai passa a vender frutas e a mãe começa a trabalhar como manicure. Só depois de algum tempo eles abrem um restaurante de comida Vietnamita.

*felt as if they inhabited two countries – their parents’ and their own*<sup>5</sup> (idem, p. 20), o distanciamento dos jovens em relação ao país diz respeito, em primeiro plano, a essa esfera de incompreensão do passado dos genitores, e em segundo plano, ao desejo de se encaixar no seu país de nascimento, em encontrar um lugar para ocupar no presente.

O entendimento de *What we all long for* passa pelo conceito de diáspora. Walter afirma que “o conceito de diáspora, portanto, oferece uma crítica dos discursos de origens fixas enquanto leva em conta diversas formas de mobilidade pós-/transnacional” (2009, p. 34); já para Paul Gilroy “*diaspora, theorizing can problematize and complicate issues of belonging by providing alternatives to the traditional conceptions of race, nation, and bounded culture*”<sup>6</sup> (apud HUA, 2005, p. 196), em outras palavras podemos afirmar que a noção de diáspora sempre acarreta conflito e complexidade, nunca remetendo-se à homogeneidade. A multiplicidade de questionamentos e acontecimentos decorrentes da experiência diaspórica no romance brandiano remete à própria subjetividade que constitui a identidade diaspórica. É importante lembrar que todo deslocamento acaba gerando uma necessidade de afirmação identitária, no entanto “*It is crucial to remember that diasporic identities and communities are not fixed, rigid, or homogeneous, but are instead fluid, always changing, and heterogeneous.*”<sup>7</sup> (idem, p. 193)

Além da problemática sobre a diáspora e a identidade diaspórica Brand reflete sobre outras questões que também fazem parte das variantes de subalternidade contemporânea. Os pontos relacionados à raça aparecem com bastante frequência na obra de Brand e demonstra o quanto a autora reflete sobre o lugar que ela mesma ocupa nessa sociedade que se intitula ‘multicultural’: “*They’d never been able to join in what their parentes called ‘regular Canadian life’. The crucial piece, of*

---

<sup>5</sup> “Todos eles, Tuyen, Carla, Oku e Jackie, sentiam como se eles habitassem dois países – o dos pais deles e o deles”

<sup>6</sup> “a teorização sobre a diáspora pode problematizar e complicar questões de pertencimento por oferecer alternativas para as concepções tradicionais de raça, nação, e cultura limitada”

<sup>7</sup> “É crucial lembrar que identidades e comunidades diaspóricas não são fixas, rígidas, ou homogêneas, mas são sim fluidas, sempre mudando, e heterogêneas.”

*course, was that they weren't the required race.*"<sup>8</sup> (BRAND, 2005, p. 47) Esse trecho evidencia que a colonialidade do poder (QUIJANO, 1997) continua fazendo valer o discurso dominante, sendo responsável pela reprodução de um discurso que impõe uma classificação racial/étnica que transparece nas mais diversas esferas. A colonialidade do poder também se faz fortemente presente na internalização dos valores, como por exemplo, no lugar onde vivem os imigrantes canadenses:

*Tuyen's Family is rich, newly rich. They have a gant house in Richmond Hill, where rich immigrants live in giant houses. Richmond Hill is a sprawling suburb outside of the city. It is one of those suburbs where immigrant go to get away from other immgrants, but of course they end up living with all the other immigrants*<sup>9</sup> (BRAND, 2005, p. 54-55)

Todas essas relações trabalhadas em *What we all long for* estão pautadas, também, no papel que a memória exerce num indivíduo – uma vez que este está conectado a um grupo social, como nos lembra Halbwachs “em realidade nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós; porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (1990, p. 26); pensando dessa forma podemos considerar que mesmo com a decisão de morar sozinha, promovendo assim um afastamento de sua família Tuyen continua fazendo parte daquele núcleo, e sua vida continua sendo influenciada pela memória desse grupo.

O grande trauma que aflige a família de Tuyen é maior que o fato de terem abandonado seu país e sua condição social. Durante a viagem para chegar ao Canadá, feita em vários barcos, um dos integrantes da família (que no momento contava, além dos pais Tuen e Cam, com duas filhas e um filho) se perde. Quy, o filho mais novo, acaba entrando em outro barco e quando os pais percebem já é tarde demais, mesmo depois de várias tentativas eles nunca conseguem encontrar o filho. Esse acontecimento marca profundamente a família e mesmo aqueles que nasceram depois do fato – Tuyen e Binh – viviam uma espécie de limbo familiar.

---

<sup>8</sup> “Eles nunca seriam capazes de aproveitar o que os pais deles chamavam ‘vida normal canadense’. A parte crucial, claro, era que eles não eram a raça necessária.”

<sup>9</sup> “A família de Tuyen é rica, novos ricos. Eles têm uma casa enorme em Richmond Hill, onde imigrantes ricos vivem em casas enormes. Richmond Hill é um subúrbio em expansão fora da cidade. É um daqueles subúrbios onde o imigrante vai para ficar longe de outros imigrantes, mas é claro que eles acabam vivendo com todos os outros imigrantes”

A verdade é que “À medida em que a criança cresce, e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta e mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente, sem disso aperceber-se.” (HALBWACHS, 1990, p. 71) Por essa razão Tuyen prefere se afastar fisicamente do ambiente familiar, procurando assim libertar-se do trauma em que ela não participou:

*Tuyen felt a surge of resentment for the boy, a familiar feeling. One that embarrassed her now, but one that had become a reflex to any image of him. Not that she hated him, she didn't know him, he had simply been an impediment to ... to what? To things she no longer needed, had never needed, but observed as missing.”<sup>10</sup> (BRAND, 2005, p. 60)*

O sofrimento dos pais e irmãos de Tuyen, ao contrário do que ela sente, diz respeito ao sentimento de perda e de culpa; as irmãs, por exemplo, culpam-se por terem sobrevivido: “*Lam and Ai had become shadows; two little girls forgotten in the wrecked love of their parentes. At times Lam had felt wrog for surviving, wrong for existing in the face of her parents' tragedy*”<sup>11</sup> (idem, p. 59).

O evento traumático agiu de forma diferente para os pais de Tuyen e mostra como “o esquecimento está associado à memória” e que “o esquecimento pode estar tão estreitamente confundido com a memória, que pode ser considerado uma de suas condições” (RICOUER, 2007, p. 435), ou seja, memória e esquecimento são níveis intermediários que estão presentes na experiência temporal humana. Enquanto “*Cam played the vision in her head, trying to regain the moment when she did not see, trying to alter the sequence of events so that she would arrive at herself in the presente with her Family and her mind intact*”<sup>12</sup> (BRAND, 2005, p. 113), o pai buscava ‘esquecer’ o evento: “*He did not like to think of that moment the way Cam did – if he did, he would have days of paralysis when he could not get out of his*

---

<sup>10</sup> Tuyen sentiu uma onda de ressentimento pelo menino, uma sensação familiar. Uma sensação que a envergonhava agora, mas que havia se tornado um reflexo de qualquer imagem dele. Não que ela o odiasse, ela não o conhecia, ele havia simplesmente sido um impedimento para... para quê? Para coisas que ela não precisava mais, nunca tinha precisado, mas observou como desaparecido.”

<sup>11</sup> “Lam e Ai tinham se tornado sombras; duas garotas pequenas esquecidas no amor destruído de seus pais. As vezes Lam sentia-se culpada por sobreviver, culpada por existir em face da tragédia dos pais dela.”

<sup>12</sup> “Cam jogava a visão em sua cabeça, tentando resgatar o momento que ela não viu, tentando alterar a sequência de eventos para que ela pudesse chegar a si mesma no presente com a sua família e sua mente intactas”

*pyjamas, his limbs felt weak, and he could not work*<sup>13</sup> (idem, p. 114). Esses dois trechos exemplificam o sofrimento de ambos, mas através de duas maneiras diferentes de lidar com a situação.

### 3 EXCLUSÃO SOCIAL E MEMÓRIA EM *BECOS DA MEMÓRIA*

Apesar de ter escrito o romance *Becos da memória* há muito tempo ele só foi publicado em 2006, depois que Evaristo já tinha ganhado notoriedade com o romance *Ponciá Vicêncio* (2003). Sua narrativa apresenta a população de uma favela que vai deixar de existir para dar lugar a um processo de urbanização. É nesse ambiente de sofrimento e desespero que somos apresentados à protagonista Maria-Nova, menina inteligente que vive seus dias se alimentando da memória dos demais moradores da favela, conhecendo suas histórias e sentindo o gosto amargo de suas vidas, com a consciência de que “a vida passou e passou trazendo dores” (EVARISTO, 2013, p. 33). Nesse caso parece correto afirmar que memória surge neste romance como forma de resistência, traçando uma trajetória de desconstrução da História em favor de inúmeras histórias silenciadas ao longo de séculos.

*Becos da memória* contém o desejo de ‘imprimir’ a figura do negro na literatura brasileira através de uma ação afirmacionista e não subalternizada: “o afirmacionismo negro/indígena quer tornar visível sua presença, considerando que o discurso nacional único sempre ‘esqueceu’ sua existência em proveito de um discurso homogeneizante” (FIGUEIREDO, 2013, p. 150), discurso este que conta uma história recheada por estereótipos, onde os vencedores ditam as regras do sistema social. É neste ambiente aprisionante que Maria-Nova desenvolve sua identidade, aprendendo desde cedo como são tratados os ‘vencidos’, os miseráveis:

Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. (EVARISTO, 2013, p. 91)

O romance evaristiano está dividido em 95 partes, fragmentos breves que vão mostrando a vida de vários moradores da favela desde o momento em que a notícia

---

<sup>13</sup> “Ele não gostava de pensar naquele momento do jeito que Cam fazia – se ele fizesse, ele teria dias de paralisia em que ele não conseguiria tirar os pijamas, seus membros sentindo-se fracos, e ele não poderia trabalhar”

do desfavelamento da região começa até quando os moradores começam a ser expulsos. Através desses fragmentos tomamos conhecimento das histórias de sofrimento e miséria de pessoas que iam se amontoando naquela realidade. Sodre lembra que “No Brasil, tem permanecido intacta, em suas linhas gerais, a organização social da cultura oriunda do sistema discriminatório da sociedade escravagista do passado” (2000, p. 86) e a vida na favela revela como o sistema social continua reproduzindo as desigualdades e opressões do sistema escravagista, embora tenha havido uma remodelação (mudanças significativas com o fim da escravidão), a população negra continua sendo a menos abastecida de direitos e a que tem menos oportunidades. Quando Evaristo usa o cenário da favela para suas narrativas, por exemplo, ela o faz aproximando-o da senzala, deixando claro que as divisões de classe são herança de um passado que não passou.

Mesmo com a compreensão de que a favela era o local que representava a exclusão social vivenciada pela população negra e pobre que vive na cidade, mesmo vendo “todos sofrendores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus” a personagem Maria-Nova reza para que algo aconteça, para que todos pudessem continuar juntos, ela “sabia que a favela não era o paraíso” (EVARISTO, 2013, p. 67) mas a alternativa que lhes era dada, de receber um valor irrisório (uma miséria que não era capaz de comprar nada) ou receber umas tábuas para construir um barraco em outro lugar, era simplesmente outra ação de subalternização daquelas pessoas, que eram expulsas do lugar que aprenderam a chamar de seu para um futuro ainda mais incerto e tenebroso.

Para Mignolo o colonialismo não acabou porque “a colonialidade do poder mudou de mãos” (2003, p. 129), nesse caso a vida vivida na favela demonstra com bastante propriedade que as relações de poder e subordinação se repetem de maneira ininterrupta. As pessoas que vivem na favela – sendo a grande maioria negra – chegam ali vindos de vários lugares do Brasil (em especial a zona rural) com o desejo de criar uma vida nova, diferente, melhor. O que encontram quando chegam na ‘cidade grande’ é simplesmente uma apropriação da pobreza e da miséria, as pessoas não encontram outro lugar para viver que não seja a favela. A condição de vida neste lugar é de privação total, o poder público só aparece em tempos de

eleição (EVARISTO, 2013) com as mesmas promessas vazias que nunca se cumprem e as pessoas tem que sobreviver da maneira como é possível.

A exclusão social também aparece quando analisamos a fonte de renda dos moradores. De maneira geral eles trabalham em lugares perto da favela, os homens geralmente trabalham na construção civil, enquanto as mulheres trabalham como domésticas em casas de família (branca) ou como lavadeiras. Recebendo muito pouco o trabalho assalariado dessas pessoas não é suficiente para melhorar de vida, e eles não são vistos como pessoas, apenas como meios de trabalho (um exemplo claro disso é Ditinha, moradora da favela que trabalha como doméstica, sua patroa não se interessa por ela ou sua vida, mas gosta muito de seu trabalho). Ter que sair daquele lugar onde já tinham se estabelecido é extremamente traumático e muitas pessoas, como Tio Totó, perdem completamente a esperança, o medo de sofrer ainda mais fica impregnado na mente da maioria dos moradores: “Medo por começar outra nova-mesma vida. Medo de que o amanhã ainda fosse pior, muito pior do que hoje. Medo, consciência de nossa fraqueza, de nosso desamparo, de nossa desvalia” (idem, p. 233).

Esse medo também tem a ver com o fato de que aquelas pessoas iam se separar e as chances de se reencontrarem era quase nula. Segundo Roland Walter “Conceição Evaristo indica o amor, o carinho, a solidariedade coletiva, a memorização e a criatividade artística como possíveis meio de conscientização e cura da alienação e fragmentação identitária” (2009, p. 78-79), falando especificamente de *Becos da memória* percebe-se que a amizade é o que não permite que os moradores entrem num processo de animalização total, a união entre eles tornava a vida menos desesperadora. E era a esperança que não os fazia sucumbir totalmente:

Negro Alírio, como Bondade e Vó Rita, eram incansáveis. Acreditavam e diziam que a vida de cada um e de todos podia ser diferente. Que tudo aquilo estava acontecendo, mas muita coisa poderia mudar. E quem mudaria? Quem mudaria seria quem estivesse no sofrimento. Quem arreda a pedra não é aquele que sufoca o outro, mas justo aquele que sufocado está. (EVARISTO, 2013, p. 190-191)

A certeza de que é possível mudar a situação se concretiza a partir do momento que se tem consciência da importância da memória para a história de um povo, para

reconhecer o passado e mudar o futuro. Nora acredita que “Nossa percepção do passado é a apropriação veemente daquilo que sabemos não mais nos pertencer. Ela exige a acomodação precisa sobre um objeto perdido.” (1981, p. 20) Esse objeto perdido é, aqui, a própria liberdade dos povos negros, liberdade aniquilada pela ‘soberania’ dos povos conquistadores brancos.

É importante analisarmos o fato de que a grande vontade de Maria-Nova era poder compartilhar as histórias dos seus, ela queria mostrar que “a ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito” (EVARISTO, 2013, p. 91) e a forma de começar a cicatrizar essas feridas era pelo resgate da memória e o resgate da voz perdida. Maria-Nova tinha a certeza de que “Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada” (idem, p. 49). A postura de trazer a responsabilidade de contar a história do povo oprimido para uma menina, que logo se tornaria uma mulher, é bastante significativa para explicar a postura adotada por Evaristo em suas obras, Maria-Nova representa uma mudança de paradigmas para a realidade do ser subalterno, afinal

Nos anais da história a fama nunca rima com mulher. Em todas as camadas sociais a mulher constitui o pano de fundo sobre o qual a fama masculina se ergue reluzente. Enquanto as condições para a inclusão na memória cultural forem a grandeza heroica e a canonização clássica, as mulheres serão sistematicamente vítimas do esquecimento cultural: trata-se de um caso clássico de amnésia estrutural. (ASSMANN, 2011, p. 67)

Maria-Nova representa, portanto, uma mudança conceitual para narrar a história de uma perspectiva diferente, de um ponto de vista que, como nos lembra Pollak (1982) tem a ver com as memórias subterrâneas, aquelas que são partes das culturas minoritárias e que são constantemente suplantadas pela Memória Oficial. Também tem a ver com uma ruptura da subalternização feminina:

A questão é, na verdade, que como objeto da historiografia colonial e como sujeito da insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o masculino no poder. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está ainda mais envolto em sombras. (SPIVAK, 2010, p. 82)

O desejo de Maria-Nova consiste em romper o silêncio, a personagem sabia que “gerações inteiras nasciam e cumpriam tempo de vida acostumados à miséria, fazendo muitas da miséria razão de vida” (EVARISTO, 2013, p. 197), mas graças ao otimismo de Bondade, Vó Rita e Negro Alírio a protagonista sente que é possível

fazer alguma coisa. Este último é responsável por ensinar às pessoas a necessidade de aprender a ler e a escrever, para poder aprender a ler a ler o mundo e escrever uma nova história.

#### **4 CONTEXTO PÓS-COLONIAL EM *WHAT WE ALL LONG FOR* E *BECOS DA MEMÓRIA***

Os romances analisados se inserem no âmbito literário enquanto construções discursivas que garantem uma desconstrução de preceitos e valores institucionalizados pelas práticas racistas que compõem as sociedades, mesmo aquelas que carregam o rótulo de multiculturais. *What we all long for* e *Becos da memória* demonstram de forma clara que a ideia de multiculturalidade e democracia racial difundida no Canadá e no Brasil, respectivamente, não passam de mitos promovidos com o objetivo de apagar as marcas da violência física e epistêmica da colonização não apenas do território, mas principalmente da colonização das pessoas.

Quijano assume o conceito de colonialidade do poder como um “império político-econômico e sociocultural do Ocidente sobre o resto do mundo” (WALTER, 2012, p. 138), representando uma influência nas relações sociais que não pode passar despercebida. Através dos romances analisados ficou claro o quanto a identidade do indivíduo está ligada à colonialidade do poder e seus efeitos. Entretanto cada caso revela nuances distintas no desenvolvimento da identidade das protagonistas. Enquanto no romance de Brand Tuyen exterioriza as tensões provenientes da experiência diaspórica e do trauma através do afastamento de seus familiares, buscando construir uma história própria que a leve a um futuro diferente, no romance de Evaristo encontramos Maria-Nova, ainda muito jovem, moldando sua identidade a partir do passado e do trauma vivido por seu povo (os moradores da favela) e buscando força para dar-lhes voz, aproximando-se ainda mais de suas feridas. De uma forma ou de outra acreditamos que os romances têm como objetivo promover em suas personagens uma descolonização que só é possível com uma ruptura, uma cisão do sujeito, sendo assim a descolonização “jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser (...). A descolonização é, em verdade, criação de homens novos” (FANON, 1975, p. 26).

Nessa busca por descolonização a memória tem papel fundamental porque ela é responsável por levantar os questionamentos ‘quem sou eu?’ e ‘quem somos nós?’ revisando o passado e não mais aceitando as composições homogêneas da história. Se é verdade que *“memories do not simply document the past but move us to the new ways of articulation, thus liberating us from the past as it has been known to the present and the future”*<sup>14</sup> (HUA, 2005, p. 205) entender o passado é uma forma de resistência:

Uma das características da literatura pós-colonial é precisamente a evocação do passado pela memória. Isto é, na literatura pós-colonial a memória não se entrega a história, mas reconstrói a história mediante o futuro esquecido que segundo Walter Benjamin (1969), existe no passado e pode/deve ser recuperado” (WALTER, 2010, p. 10)

Os romances analisados refutam o modelo implantado pela colonialidade do poder e buscam contar a história a partir de outro ponto de vista, driblando a subalternidade e a impossibilidade de falar (e ser ouvido). Tuyen pergunta *“what do you long for?”*<sup>15</sup> (BRAND, 2005, p. 151), Quy pergunta *“Who the hell are you”*<sup>16</sup> (idem, p. 309), Tio Totó perguntava-se “Deus do céu, seria aquilo vida?” (EVARISTO, 2013, p. 31) e Maria-Nova se questionava se todos ali não eram mesmo indigentes (idem, p. 223). Todas essas perguntas funcionam como expressão da sensibilidade das autoras em pensar na realidade periférica enquanto lugar construído socialmente e historicamente fundamentado nas relações de desigualdade que tem se perpetuado nas sociedades como um todo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas nos romances de Brand e Evaristo identificam o desejo das protagonistas em trilhar uma trajetória que tem como objetivo primeiro o autoconhecimento, e, em seguida, uma identidade pautada na liberdade. Refletindo a fragmentação presente nos romances podemos pensar neles como um mosaico, uma colcha de retalhos construída a partir dos fluxos vivenciados por diversos personagens, que têm em comum uma vida marcada por sofrimento e opressão, e

---

<sup>14</sup> “memórias não documentam simplesmente o passado mas nos movem para novos caminhos de articulação, liberando-nos assim do passado como tem sido conhecido para o presente e o futuro.”

<sup>15</sup> “o que você almeja?”

<sup>16</sup> “quem diabos você é?”

que revelam em suas relações sociais a verdadeira face das sociedades canadense e brasileira.

Neste mosaico complexo e contraditório muitas identidades se encontram, se chocam e muitas vezes se fundem. O processo de rememoração ganha destaque porque a memória acumula significados que explicam a maneira como a história e a cultura de um povo se estabelece, e resgata aquelas histórias ‘perdidas’ pela História Oficial. Os romances de Brand e Evaristo apresentam traços distintos da memória, no caso de *What we all long for* ela funciona como trauma e ruptura, já em *Becos da memória* ela é resgate e resistência. Em ambos os casos podemos entendê-la como sendo o “lugar onde são travadas batalhas sobre lembranças individuais e coletivas, bem como sobre seus significados” (WALTER, 2009, p. 67) e que resultam na reconstrução de um passado perdido, mas que pode ser recuperado.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.
- BRAND, Dionne. **What We All Long For**. Toronto: Vintage Canada, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 2ª edição. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2ª edição. Trad. J. L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent León Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, 1996, pp. 68-75.
- HUA, Anh. **Diaspora and Cultural Memory**. IN: *Diaspora, Memory and Identity*. AGNEW, Vijay (org.). Toronto: University of Toronto Press, 2005.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Houry. São Paulo: Revista de História da PUC-SP, 1981.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento em América Latina**. Anuario Mariateguiano, vol. 9, n. 9, 1997, pp. 113-120.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória de identidade social: estudos históricos.** Rio de Janeiro: APDOC, vol. 5, n. 10, 1982.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François (et al). Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SODRE, Muniz. **Claros e Escuros: Identidade, Povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALTER, Roland. **Entre Gritos, Silêncios e Visões: Pós-colonialismo, Ecologia e Literatura Brasileira.** Revista de Literatura Comparada, n. 21, 2012, pp. 137-166.

\_\_\_\_\_. **Literatura, História e Memória no Contexto Pós-Colonial.** Recife: Revista **Eutomia** 3.1. 2010, 15 pp.

\_\_\_\_\_. **Afro-América: Diálogos literários na diáspora negra das Américas.** Org. Liv Sovik. Recife: Bagaço, 2009.